



**OS ENTRECruzamentos DE HISTÓRIA E LITERATURA
EM *ELEANOR MARX, FILHA DE KARL* (2002)**



**THE INTERCROSSINGS OF HISTORY AND LITERATURE
IN *ELEANOR MARX, FILHA DE KARL***

CINDY CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 23/03/2021 • APROVADO EM 15/05/2021

Abstract

This research aims to analyze the relationship between history and literature present in the biographical novel *Eleanor Marx, filha de Karl* (2002), by the contemporary Brazilian writer Maria José Silveira. In view of this, we seek to understand the female figure in English society in the Victorian Era, a period of great ambiguities related to the puritanism of the time, to female repression and to the social and political transgressions that women like Eleanor were at the forefront of. We use qualitative research, of bibliographic nature, using as a theoretical and methodological basis the investigations of authors such as Costa Lima (1989), Pesavento (2006), Cox (2021), Aínsa (2006), Morais (2004), Heloísa (2020), among others. Therefore, when presenting a historical figure Eleanor Marx fictionalized participation in her novel, the author brings up the main events of a crucial moment for the understanding of the modern world: the organization of the 19th century workers and socialist movements, the struggle and the feminine participation in these events, as well as the tragic end of a revolutionary woman, but who nonetheless fell victim to her time and her husband's tyranny.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as relações entre história e literatura presentes no romance biográfico **Eleanor Marx, filha de Karl** (2002), da escritora brasileira contemporânea Maria José Silveira. À vista disso, buscamos compreender a figura feminina na sociedade inglesa na Era Vitoriana, período de grandes ambiguidades relacionadas ao puritanismo da época, à repressão feminina e às transgressões sociais e políticas as quais mulheres como Eleanor estiveram à frente. Valemo-nos da pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, utilizando como base teórica e metodológica as investigações de autores como Costa Lima (1989), Pesavento (2006), Cox (2021), Aínsa (2006), Morais (2004), Heloísa (2020), entre outros. Diante disso, ao apresentar a figura histórica Eleanor Marx ficcionalizada em seu romance, a autora traz à tona os principais eventos de um momento crucial para a compreensão do mundo moderno: a organização dos movimentos dos trabalhadores e socialistas do século XIX, a luta e a participação feminina nesses eventos, bem como o final trágico de uma mulher revolucionária, mas que mesmo assim não deixou de ser vítima de sua época e da tirania de seu marido.

Entradas para indexação

KEYWORDS: History and Literature. Gender. Victorian Era. Eleanor Marx, filha de Karl. Maria José Silveira.

PALAVRAS-CHAVE: História e Literatura. Gênero. Era Vitoriana. Eleanor Marx, filha de Karl. Maria José Silveira.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os entrecruzamentos de história e ficção vêm se tornando cada vez mais recorrentes desde o século XX, com o advento da chamada Nova História, que questionou a ideia de que a História como disciplina era uma ciência objetiva, e passou a levar em consideração questões como o imaginário e a subjetividade do historiador. Assim, surgiram pesquisas que mostram o quanto ambas são próximas, porém distintas, uma vez que “os discursos do historiador e do ficcionista se diferenciam tanto pela maneira como suas narrativas se relacionam com o mundo quanto pelo modo como neles atua o narrador” (COSTA LIMA, 1989, p. 102). Como explica o autor, o historiador não possui à sua disposição a liberdade e o elenco de possibilidades das quais se utiliza o ficcionista. Nesse sentido, o narrador ficcional pode assumir posições variadas, bem como refletir sobre os eventos históricos e, assim, na ficção, “o material histórico entra para que permita a revisão de seu significado, que adquire a possibilidade de se desdobrar em seu próprio questionamento” (COSTA LIMA, 1989, p. 106).

Segundo Pesavento (2006, p. 13), outro ponto importante é que o imaginário do próprio historiador também se reflete na sua escrita da história, bem como são várias as versões para um mesmo evento e, por isso, ao construir “uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituí-la, tomando o seu lugar”. Desse modo, a autora questiona onde, afinal, se encontram as diferenças entre história e literatura e, assim, argumenta que:

A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Mas, o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado – logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu – como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção. (PESAVENTO, 2006, p. 14).

Diante disso, a autora elucida que os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real, uma vez que ambos são representações construídas sobre o mundo e que revelam sentidos e significados inscritos no tempo. No entanto, “as narrativas histórica e a literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação” (PESAVENTO, 2006, p. 21). Assim, essa nova visão acaba por abrir espaços nas pesquisas para a utilização de novas fontes e objetos para a história, entre os quais o texto literário também se encontra.

Reis (2010) destaca que na narrativa ficcional, o ficcionista envia a memória aos braços da imaginação, que sem receio se entrelaçam e se confundem. Por isso, o ficcionista é livre para narrar experiências “irreais”, ou seja, eventos e personagens que não se submetem ao tempo calendário. Ou, como no caso da narrativa que este trabalho se propõe analisar, a escritora utilizou de sua liberdade em aliar memória, história e a sua imaginação para ficcionalizar sobre a vida de uma mulher real e sua percepção sobre os eventos históricos que se sucederam em sua vida, através da subjetividade de um narrador onisciente e das cartas escritas por Eleanor presentes no livro.

Nessa acepção, o autor assinala que na reconfiguração do tempo, história e ficção não se contrapõem mais tão radicalmente, mas, sim, cruzam-se. E, portanto, cada um desses modos narrativos se faz empréstimos, uma vez que a história incorpora fontes de ficcionalização, e a ficção transforma o agir e sentir quando incorpora fontes de historicização, uma vez que “Através da leitura, a historiografia e a literatura retornam à vida, à existência prática” (REIS, 2010, p. 81). Como afirma o autor, a leitura realiza uma intercessão entre o mundo fictício do texto e o efetivo do leitor, o que faz com que surja o “tempo narrado”.

Portanto, é levando em consideração esses estudos que o presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre história e literatura no romance biográfico **Eleanor Marx, filha de Karl** (2002), da escritora brasileira contemporânea Maria José Silveira. À vista disso, buscamos compreender a figura feminina na sociedade inglesa na Era Vitoriana, momento histórico em que se sucedem os eventos vividos pela protagonista, o qual se caracteriza como um período de grandes ambiguidades relacionadas ao puritanismo da época, à repressão feminina e às transgressões sociais e políticas as quais mulheres como Eleanor estiveram à frente. Ademais, apresentamos uma breve biobibliografia da autora, bem como o olhar da história no romance.

2. MARIA JOSÉ SILVEIRA: A MULHER, A MILITANTE, A ESCRITORA

Maria José Silveira é uma escritora, tradutora e editora brasileira nascida na cidade de Jaraguá, em Goiás, no ano de 1947. Estudou na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) durante os anos de 1966 a 1968. Em 1969, mudou-se para São Paulo, onde começou a trabalhar como redatora publicitária. No auge da Ditadura Militar do Brasil, foi militante de uma organização de esquerda e, por isso, entrou para a clandestinidade, juntamente com seu marido, pois ambos foram acusados de desenvolver atividades consideradas subversivas pelo governo, o que culminou em irem buscar exílio no Peru. No exílio, ela estuda Antropologia na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima. Em 1976, retorna ao Brasil, passando a morar no Rio de Janeiro e, posteriormente, muda-se para a capital paulista, onde faz Mestrado em Ciências Políticas na Universidade de São Paulo (USP).

A autora integrou o grupo de intelectuais e artistas brasileiros que não aceitavam a censura e não eram favoráveis ao atual governo totalitário. Desse modo, como forma de resistência e resgate da memória desse período, teceu críticas aos atos violentos cometidos pelos militares através de seus romances, como **O fantasma de Luis Buñuel** (2004), em que os “relatos que compõem o esquema da obra mostram um cenário mnemônico de vidas que foram drasticamente atingidas pelas ações da violência instaurada no período” (ALMEIDA, 2015, p. 13) e **O voo da arara azul** (2007), um romance de formação (*Bildungsroman*) voltado para o público infanto-juvenil, e que através da visão de um pré-adolescente mostra eventos marcantes naquela época. É evidente que tais obras não poderiam ter sido lançadas durante o regime militar, por isso mesmo a sua relevância se dá justamente ao marcar a memória e as outras “verdades”, no sentido de Hutcheon (1991), a qual explica que a verdade e a falsidade não podem ser os termos apropriados para se discutir a ficção, uma vez que só existem verdades no plural, e jamais uma só “Verdade”, do que aconteceu nos anos de chumbo.

De acordo com Almeida (2015), a autora tem chamado atenção no ambiente literário pela originalidade de seus escritos. Isso pode ser percebido nos seus romances: **A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas** (2002), no qual a escritora conta a história do Brasil através do olhar de mulheres, desde o período colonial até a contemporaneidade; **Eleanor Marx, filha de Karl** (2002), *corpus* de análise do presente artigo, em que Maria José Silveira resgata a personagem histórica, filha de Karl Marx, e nos dá uma nova versão de sua biografia; **Guerra no coração do cerrado** (2006), que traz um conflito sobre terras entre indígenas e brancos, dando destaque a Damiana da Cunha Menezes, uma personagem pouco explorada da historiografia nacional; **Com esse ódio e esse amor** (2010), que contém uma narrativa inovadora, quase como um roteiro cinematográfico; **Pauliceia de mil dentes** (2012), no qual a cidade de São Paulo de hoje é a grande protagonista; entre outras produções enquanto pesquisadora, contista, ensaísta e cronista. Ademais, fica evidente que a grande maioria de suas produções tem como característica comum trazer sempre mulheres fortes e donas de si, que buscam se

impor e/ou que tiveram um grande papel na História, mesmo diante de todas as adversidades.

Destarte, no que se refere ao romance **Eleanor Marx, filha de Karl** (2002), segundo Coelho (2013, p. 13), a autora teve como mote para a escrita do livro o seu interesse pelos temas da história da esquerda, haja vista que “é uma admiradora de Marx e mantém-se permanentemente voltada para as questões sociais e políticas, ou, como ela mesma disse, o escritor costuma escolher seus temas por sua história de vida”. Nesse sentido, para a escritora, escrever sobre a história de Eleanor se deu como uma forma de narrar sob uma nova perspectiva a vida de uma figura feminina extremamente importante na luta sobre os direitos da mulher na política e na vida social.

Em entrevista dada a Coelho (2013, p. 13), a escritora conta que em uma de suas férias com o marido, em Londres, enquanto lia uma biografia de Karl Marx, deparou-se com a história de sua filha caçula, Eleanor, que havia se suicidado, e passou a se perguntar como uma mulher como ela, “não só por ser filha de quem era, mas por ter sido militante socialista, feminista, inteligentíssima, culta, independente, divulgadora do marxismo etc. passou por tal situação?”. Por esse motivo, achou que seria interessante ficcionalizar a sua biografia, num modo de a própria Eleanor, mesmo enquanto uma personagem ficcional, contasse a sua versão de sua biografia. Aliando História e Literatura, como fez em boa parte de seus livros:

Maria José Silveira trabalhou com fontes bibliográficas que, segundo ela, foram suficientes, pois sua intenção não era fazer uma investigação profunda sobre fatos novos da vida de Eleanor, seu intento era contar a história de amor e, juntamente com isso, entender os motivos que levaram essa mulher brilhante ao desespero total, que culminou em seu suicídio. Segundo Silveira, seu interesse foi analisar “Que amor destrutivo foi esse, capaz de tirar a vontade de viver de uma pessoa tão cheia de vida como ela? Foram essas eternas e fundamentais questões humanas, amor e morte, que eu quis ver mais de perto.” O objetivo maior foi, portanto, entender a história de amor e a trágica morte de Eleanor. (COELHO, 2013, p. 13-14).

Assim como todos os discursos possuem um viés ideológico, com a literatura não seria diferente, e segundo a própria escritora conta em entrevista: “As grandes questões de nossa vida, nosso cotidiano e nossa história são políticas. Nesse sentido, acredito que toda literatura é política – até a que não quer ser” (COELHO, 2013, p. 13). Desse modo, para a escritora, o viés político de suas obras em muito reflete a sua formação e valores políticos, marcados desde sua juventude pelas mudanças ocorridas no Brasil, como o Golpe Civil-Militar de 1964.

Maria José Silveira se caracteriza enquanto uma escritora com um projeto explicitamente político, e que em decorrência de suas escolhas, acaba na maioria das vezes recorrendo à história para a produção de suas narrativas. Assim, esse fundo histórico mostra principalmente o quanto certas questões do passado ainda se configuram pertinentes de serem apresentadas e/ou problematizadas

atualmente, pois como revela: “se é verdade que todos eles [seus romances] tratam de algum momento de uma história passada, é verdade também que todos partiram de questões absolutamente contemporâneas” (COELHO, 2013, p. 14).

3. A CONDIÇÃO FEMININA NA ERA VITORIANA: O CONTEXTO HISTÓRICO DE ELEANOR MARX

A Era Vitoriana, como tem sido chamado o período de regência da rainha Vitória da Inglaterra, tem seu início a partir de 1837, indo até o ano de 1901, com sua morte. Esse período é reconhecido como de grande prosperidade na história da Grã-Bretanha, de modificações de ordem material e espiritual. Sua superioridade tecnológica e econômica colocava o país como a grande potência da época. Assim, o progresso e, conseqüentemente, as problemáticas do tempo, refletiram-se em todos os setores da vida inglesa, inclusive no literário e nas lutas sociais. No entanto, Eagleton (2006) explica que o país chegou ao seu ponto de transformação econômica provavelmente graças aos enormes lucros colhidos com o comércio de escravos no século XVIII e ao controle imperial dos mares, para vir a tornar-se a primeira nação capitalista industrial do mundo.

Desse modo, com o advento da Revolução Industrial e a utilização de máquinas, surgem novas ideias, novas classes, o capitalismo, os conflitos entre comércio/indústria, e a luta de classes (MENDES, 1983). Dentre essas novas ideias, surge o Marxismo: “filosofia e práticas políticas derivadas da obra de Marx” (FRANCA NETO, 2009, p. 170), com a publicação do **Manifesto do Partido Comunista** (1848), de autoria conjunta com Engels, o qual influenciou boa parte dos pensadores e escritores ingleses do período.

Nesse sentido, conforme explica Eagleton (2006), a cruel disciplina do início do capitalismo industrial deslocou comunidades inteiras, transformando a vida humana em uma verdadeira escravidão assalariada, da mesma maneira que impôs um processo de trabalho alienante à recém-formada classe operária e não aceitou nada que, no mercado aberto, não pudesse ser transformado em mercadoria. Dessa forma, algumas personalidades, como os escritores da época, fizeram parte das reformas ocorridas por meio de suas críticas sociais e agitação intelectual, juntando-as aos ideais marxistas de militantes de esquerda, como a própria Eleanor Marx, que organizava comícios e comunas onde se discutiam os ideais socialistas.

Ainda se tratando de mudanças importantes no período, podemos citar a Lei Divorcista de 1857, a Lei para os Pobres – que segundo Morais (2004) acentuava a importância da educação como solução para a eliminação da pobreza –, a Lei da Reforma de 1832, dentre outras, sendo elas importantes no avanço da democracia, uma vez que geraram intensas modificações de caráter social, e alguma melhoria nas condições de vida dos operários (MENDES, 1983). No entanto, fazendo um contraste com esses avanços, a sociedade da época não admitia transgressões da moral religiosa, pois tinham um grande apego aos preceitos tradicionais. Com isso, “o período vitoriano pode ser considerado uma era religiosa, sobretudo pelo evangelismo, o movimento cristão protestante iniciado nos anos de 1730. Tratava-se da religião da classe média, ditando o tom das maneiras, do vestuário e do gosto” (FRANCA NETO, 2009, p. 168).

O puritanismo da época se manifestava sob várias maneiras nas pessoas daquela sociedade e, principalmente, em relação às mulheres, a quem era esperado que se mantivessem a maior parte do tempo em seus lares. Só era permitido às esposas e filhas saírem de casa acompanhadas de empregados, para fazer compras ou visitas de caridade, além de que: “não havia profissão para a mulher da nobreza ou da alta burguesia. Se não tinha marido ou pai, devia ser sustentada por um parente masculino. Tornava-se uma ‘parente pobre’, ou tinha de ir para uma casa de estranhos como governanta” (MENDES, 1983, p. 12). Dessa forma, vemos que Eleanor e suas irmãs eram uma exceção, por fazer parte de uma família progressista que estava extremamente ligada às causas sociais e ao avanço da conquista de direitos femininos. Como mostrado no livro, desde meninas as filhas de Marx eram participantes ativas nos assuntos da família: “Temas que seriam proibidos em outros lares eram incentivados no nosso e nós, as três filhas, aprendemos com naturalidade a questionar a sociedade e a pensar por nós mesmas” (SILVEIRA, 2002, p. 17).

Nesse sentido, Heloísa (2020) enfatiza que se ser mulher na Era Vitoriana já era uma tarefa difícil, tornava-se ainda mais árdua para as que desafiavam o *status quo*, uma vez que um dos traços mais marcantes do período foi a luta pela emancipação e pelo voto feminino. Entretanto, nesse ponto, as mulheres não podiam contar com aquela que poderia ser sua grande aliada: a própria rainha Vitória, pois embora fosse uma inspiração para as sufragistas, ela se opôs de maneira decisiva às demandas de suas súditas:

Em uma carta ao escritor Theodore Martin, definiu os direitos das mulheres como uma “terrível loucura”, afirmando que “Deus criou os homens diferentes das mulheres, então deixem-nos ficar cada qual em sua posição”. A rainha, para quem sua condição de soberana era “um cargo desagradabilíssimo”, julgava inadmissível que uma mulher *quisesse* participar da vida política do país. Para Vitória, o ambiente apropriado para as mulheres era o espaço doméstico, onde podiam cuidar da casa e da família, usufruindo a benção serena da companhia do marido e dos filhos. (HELOÍSA, 2020, p. 27, grifo da autora).

Como assinalado pela autora, há dois problemas graves nessa visão da rainha. O primeiro é que nem mesmo a própria Vitória tolerava a vida doméstica. Assim, de acordo com Heloísa (2020), se ela tivesse se mantido nessa posição apenas ligada ao âmbito familiar, jamais teria alcançado aquilo que a manteve viva, ou seja, o imenso poder político “que gozou ao longo de seu reinado, que lhe facultou emancipação, liberdade, autonomia, possibilidade de ser remunerada pelo seu trabalho e – o mais importante – um nível de respeito em geral negado às mulheres” (HELOÍSA, 2020, p. 28).

O segundo problema apontado pela autora é que a rainha não conhecia as verdadeiras condições em que viviam seus súditos fora da esfera aristocrática. Portanto:

Se tivesse nascido nas camadas mais pobres da plebe, Vitória decerto engrossaria as estatísticas da época: seria espancada pelo marido, trabalharia em circunstâncias desumanas, sofreria com as condições insalubres de uma casa pequena e superlotada, veria os filhos morrendo de fome, seria explorada pelos patrões, comeria mal, dormiria ainda pior e poderia contar, se tivesse muita sorte, com uma ou duas mudas de roupa. E, claro, não chegaria nem à metade de seus 81 anos. (HELOÍSA, 2020, p. 28).

Essas eram as condições de vida que a grande maioria das mulheres menos abastadas vivenciava nessa sociedade em que o capitalismo avançava de modo desenfreado, causando grandes diferenças entre as classes. Em vista disso, se para os operários havia a opressão e a exploração por parte de seus patrões, para as mulheres essa questão era ainda mais grave, uma vez que além de sofrer os percalços de sua classe, o seu gênero configurava ainda menos direitos e praticamente nenhuma autonomia.

Ademais, segundo Mendes (1983), a ascensão da burguesia na época reagia também contra alguns dos costumes do Romantismo, que eram considerados avançados demais e até mesmo libertinos. Morais (2004) ilustra que, para a sociedade burguesa, a família nunca foi antes tão reverenciada quanto na Era Vitoriana, uma vez que o lar era visto como um templo de perfeição, administrado pela mulher, aquela que representava as idealizações de fidelidade, maternidade e zelo. No entanto, esse culto ao lar e essa divisão de esferas diferentes, implicou fundamentalmente na inferiorização da mulher, “já que à sua personagem era praticamente negado o acesso à vida pública, ao estudo, à participação nos assuntos da comunidade de modo geral. Associava-se a moralidade à mulher e o intelecto ao homem” (MORAIS, 2004, p. 28).

Assim, a formação das personalidades ideais da época, tanto no que se alude a homens quanto às mulheres, passou, portanto, por uma série de fatores que abarcam aspectos psicológicos, sociais e econômicos. Esses aspectos se manifestaram de forma tão intensa que acabaram por criar um modelo influenciador que prevaleceu por décadas, fazendo com que boa parte da sociedade o seguisse em prol da moral e dos “bons costumes”, além de que quem destoasse desses padrões sofria severas críticas.

Mendes (1983) assinala que foi a partir de 1840 que começaram a surgir manifestações de rebeldia feminina na Inglaterra e as mulheres começaram a lutar pelo direito ao sufrágio. Destarte, com as novas ideias que surgiram, com uma literatura que passou a atingir também o povo, a Era Vitoriana se mostrou como uma notável época na literatura. Em razão do barateamento da imprensa e dos livros, foi motivado o aparecimento de várias escritoras, apesar do confinamento da mulher ao lar e do preconceito contra as que ousavam escrever e mostrar os seus ideais.

Eleanor Marx foi participante ativa na causa feminina e do proletariado, sendo uma enérgica militante sindicalista e pela igualdade de gênero. Segundo Pericás (2020), era amiga de Sylvia Pankhurst, uma das figuras inglesas mais importantes na luta pelo sufrágio feminino da época; bem como foi divulgadora da obra de seu pai e Engels, tendo até mesmo editado a obra **Revolução e**

contrarrevolução na Alemanha (1896). No entanto, o feminismo de Eleanor era de certa forma distinto do que o defendido pela maioria no século XIX, pois ela entendia a campanha pelo voto como uma visão limitada, visto que a reforma eleitoral que serviria às senhoras de classe média não abarcava o debate social mais amplo, que incluísse também a classe trabalhadora. Isto é, em sua visão, os direitos da mulher e do proletariado eram parte da mesma luta (PERICÁS, 2020).

Nesse sentido, ainda segundo Pericás (2020), Eleanor mostrou-se como uma das pioneiras do chamado Feminismo Socialista, ou mesmo o que conhecemos hoje como Feminismo Marxista, através de seu tratado “A questão da mulher: de um ponto de vista socialista”, publicado no *Westminster Review* em 1886, em coautoria com seu companheiro Edward Aveling, bem como por meio de sua militância ativa dando palestras. Além disso, ela foi a organizadora da ala inglesa das manifestações que reivindicavam a legalização das jornadas de trabalho de 8 horas, aliando assim as suas lutas em prol de melhores condições e direitos às mulheres e também à classe trabalhadora.

4. O OLHAR DA HISTÓRIA NO ROMANCE BIOGRÁFICO *ELEANOR MARX, FILHA DE KARL*

Publicado em 2002, o romance **Eleanor Marx, filha de Karl**, é o segundo escrito por Maria José Silveira que contém um viés historiográfico. Foi traduzido para o espanhol e publicado no Chile por LOM Ediciones, em 2005, e na Espanha pela editora Txalaparta, em 2006. Trata-se de uma biografia romanceada que mostra os últimos nove meses de vida de Eleanor, de junho de 1897 até a sua morte. Através dos flashes de memórias da protagonista, conhecemos sua vida desde a infância, sua relação com o companheiro Edward Aveling, com a família e com a política, aliada aos eventos históricos ocorridos no final do século XIX.

Em 1850, Karl Marx e Jenny von Westphale, seus pais, passam a residir em Londres, onde Eleanor nasceu, após um exílio que se arrastou pela França, Bélgica e Alemanha. Desde quando ela era criança o seu pai passava horas escrevendo o livro que seria sua *magnum opus*, em parceria com Engels, que teve seu volume I publicado em 1867, quando Tussy (seu apelido dado pelo pai) tinha doze anos: “Impossível imaginar criança mais feliz que Eleanor, a menina que cresceu com *O capital*” (SILVEIRA, 2002, p. 29).

Maria José Silveira utilizou diversas fontes bibliográficas como base para a sua narrativa, como a biografia escrita por Yvonne Kapp e as cartas escritas pela própria Eleanor. Desse modo, por meio do romance, conhecemos muito do íntimo da mulher e da revolucionária que lutou por condições de vida melhores para homens e mulheres, mas que se sentia só e triste na maior parte do tempo em sua vida conjugal. Eleanor nasceu em 16 de janeiro de 1855, foi descrita na narrativa como uma jovem “Intelectualmente brilhante, de raciocínio claro e lógico, voz musical e melodiosa, era atraente, esbelta e cheia de vida” (SILVEIRA, 2002, p. 64). Assim, através de um relato não linear, em que ora temos a voz do narrador e ora a da própria protagonista, vamos conhecendo uma versão mais subjetiva e ficcional desta figura histórica tão importante.

Logo no início do romance, é apresentada ao leitor uma Eleanor adulta, numa conversa com um de seus sobrinhos: “O dia é 8 de junho de 1897. Faz muito

calor naquele entardecer de verão em Londres. Eleanor passou todo o dia no 8º Congresso Internacional dos Trabalhadores das Minas” (SILVEIRA, 2002, p. 13), algo que era costumeiro em sua vida. A partir daí já temos a descrição de uma mulher que demonstra forte apego às suas memórias, tão marcadas pela vida agitada e feliz, apesar de muitas vezes difícil, na política e na companhia de seu pai e amigos revolucionários, o que se contrapõe ao seu momento atual, com um marido que mal lhe dirige a palavra e lhe esconde diversos segredos.

Como apontado por Reis (2010), quando se refere a eventos históricos, o ficcionista os menciona do ponto de vista dos personagens imaginários, pois a ficção não desce ao tempo histórico. Assim, os conectores históricos são transformados pela imaginação, o que faz com que a contribuição maior da ficção seja “explorar as características não lineares da experiência vivida, que a história oculta ao inscrevê-la no tempo cósmico” (REIS, 2010, p. 77). Questões essas que se mostram sempre presentes do romance. Todavia, mesmo sendo heterogêneas e opostas, o autor enfatiza que as narrativas histórica e ficcional se entrecruzam, mesmo que sem se confundir. Nessa acepção, afirma que a história e a ficção se tornaram complementares na narração da experiência humana, visto que elas têm “temáticas comuns, dificuldades comuns, trocas comuns. A história se serve da ficção e a ficção se serve da história” (REIS, 2010, p. 79).

Dessa forma, muitos momentos importantes são expostos no romance, como a Comuna de Paris, acontecida em março de 1871, durante a Guerra Franco-Prussiana. Em uma conversa com seu sobrinho Edgar, filho de sua irmã Jennychen, Eleanor lhe conta como ela e sua irmã foram presas, em “o que depois ficou conhecido como a Semana de Sangue, quando cerca de vinte mil proletários parisienses foram fuzilados e quarenta mil feitos prisioneiros. O horror dessa repressão brutal contra o povo de Paris é indescritível” (SILVEIRA, 2002, p. 18). Por conseguinte, nos é mostrado como essa guerra atingiu profundamente toda a família Marx e os socialistas envolvidos, que se reuniam em sua casa em Maitland Park.

Outro evento narrado é o que aconteceu em Londres, no inverno de 1887, quando a recessão e o desemprego encheram as ruas de grande sofrimento, com mulheres, crianças e idosos sem agasalho e sem comida. Com isso:

Logo surgiram manifestações que o governo começou a reprimir. No domingo, 13 de novembro, foi convocada uma grande manifestação em Trafalgar Square, em protesto contra a situação de desemprego, a perseguição aos irlandeses e pela liberdade de expressão. [...] A confusão é enorme. Pessoas correm, gritam jogam pedras. Eleanor não vê mas sente uma cassetada no braço e outra na cabeça. É jogada no chão. Seu chapéu e seu casaco se rasgam, se enlameiam, mas ela não sente dor, só perplexidade e indignação, pura adrenalina. Um companheiro a ajuda a se levantar. (SILVEIRA, 2002, p. 100-101).

Esse foi o dia que ficou conhecido como “Domingo Sangrento” de Londres, em que dois mil policiais e quatrocentos soldados militares foram designados para

deter a manifestação: “Foi a primeira vez que, atrás dos procedimentos burgueses civilizados, os londrinos viram a exibição crua do poder do Estado em ação e sentiram nos ossos e na carne sua força bruta” (SILVEIRA, 2002, p. 102). A partir desse acontecimento, Eleanor, chegando aos seus trinta e três anos, começou a ter uma aproximação mais direta com a classe trabalhadora inglesa, vindo de perto a realidade das ruas londrinas. Isso a fez refletir sobre como mesmo tendo se dedicado à luta pelo socialismo e convivido com os grandes líderes da época, apenas presenciando a realidade daqueles pelos quais os trabalhos de seu pai tentaram ajudar a melhorar, é que compreenderia como tudo acontecia de fato: “Uma coisa é saber, em teoria, do que é capaz a exploração e a diferença de classes; outra bem diferente é ver de perto o quanto a vida pode ser cruel, o quanto pode ser ‘uma história contada por um idiota, cheia de som e alarido, nada significando’” (SILVEIRA, 2002, p. 102).

Conforme explica Coelho (2013), o ficcionista pode utilizar um personagem real, histórico, político e/ou religioso dentro da construção de sua narrativa, mas a interpretação e escritura desse personagem serão feitas pelo próprio autor, a partir de conceitos e valores que ele possui, bem como ao criar esse personagem, fundamentado em um modelo real, “investe-se no mundo da ficção, pois não se trata de um personagem real exibido tal como foi, mas investido de fantasia, imaginação, criatividade, aspectos estes pertencentes também ao mundo ficcional” (COELHO, 2013, p. 32). Como nesse relato sobre o “Domingo Sangrento”, em que as prisões e violências praticadas pelos policiais são evidenciadas, e, assim, com a percepção privilegiada da escrita ficcional, podemos ter um entendimento desse evento por outras perspectivas, uma vez que a autora ficcionaliza o que poderia ser a visão de Eleanor, seus sentimentos e opiniões a respeito.

O ano de 1889 também marcou importantes acontecimentos que se refletiram na vida de Eleanor, como a fundação da Segunda Internacional, no Congresso Internacional Socialista realizado em Paris, uma organização dos partidos socialistas e operários, que deu continuidade a Primeira Internacional de 1870. Assim, foi nesses dias que Eleanor ajudou a formar a primeira seção feminina do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Gás e dos Trabalhadores Gerais, pois “Acredita que a luta não vai terminar quando conseguirem aumento do salário. A vitória só será duradoura se os trabalhadores aprenderem a se organizar, trabalhadores qualificados junto com os trabalhadores gerais, homens junto com as mulheres” (SILVEIRA, 2002, p. 104). Com esse trecho, é possível visualizarmos como a protagonista compreendia a junção da causa feminista a do proletariado como uma luta conjunta. Nesse sentido, vemos como apontado por Reis (2010, p. 81), que a ficção, quando se mistura intensamente à história, é extremamente saudável para esta, uma vez que a protege do determinismo, liberando possibilidades que não se concretizaram, ao abordar um passado que poderia ter sido, posto que “a crítica da realidade exige o recurso à ficção”.

Quando sua convivência com o marido torna-se cada vez mais difícil e já desconfia de suas traições, Eleanor tenta, mais do que nunca, adentrar no movimento maior à sua volta, num modo de tentar escapar de seus demônios domésticos, pois “Sua saída e refúgio são a realidade maior da luta para qual, desde pequena, viveu. Mas sua tristeza é profunda. A solidão, um vazio, que envolve, frio e seco, por dentro e por fora, ela mesma, a casa, a paisagem” (SILVEIRA, 2002, p.

51). Através desse e de outros trechos, torna-se perceptível ao leitor como o emocional da protagonista se encontra debilitado, e a descoberta de que seu companheiro casou-se com outra mulher culmina na sua desistência da vida, pois desde a morte de sua mãe, depois a de Marx e a de Engels, Eleanor foi sentindo-se cada vez mais triste e solitária.

Mesmo já tendo sido alertada por outros sobre a índole de Edward, que já era casado com outra mulher, e por isso não poderia se casar oficialmente com ela, Eleanor aceitou a união dos dois que ia contra todos os ideais puritanos defendidos no período vitoriano: “Mas se Eleanor pensou, como as mulheres apaixonadas tantas vezes pensam, que a vida de casado poderia mudá-lo, logo deve ter se dado conta de que não seria assim” (SILVEIRA, 2002, p. 91). Isso mostra como, apesar de ser uma mulher intelectualizada, ela ainda assim foi influenciada pelo imaginário da época, em que a figura da mulher era vista como redentora do homem.

Eleanor e Edward eram pobres e levavam uma vida difícil. Ela fazia pesquisas no Museu Britânico e escrevia artigos por encomendas, dava aulas particulares, cursos e palestras sobre Shakespeare e arte dramática. Nesse período, seus trabalhos políticos também se intensificaram, pois passou a escrever artigos semanais para os jornais socialistas, fazia suas palestras e discursos em reuniões políticas, bem como escrevia ensaios políticos publicados como panfletos. Foi ela quem traduziu pela primeira vez **Madame Bovary**, do escritor francês Gustav Flaubert, para o inglês, e os dois publicaram juntos panfletos de divulgação como:

“O inferno da fábrica” (1885), “A questão da mulher” (1886), “O movimento da classe operária na América” (1888). Apesar de todos os problemas com Aveling, esses foram os anos em que a contribuição de Eleanor tornou-se de grande importância para o movimento revolucionário internacional. Foi uma época de desenvolvimento do socialismo não só na Inglaterra mas em outros países da Europa e das Américas, e o momento da fundação da Segunda Internacional Socialista. Por seus contatos e proficiência em várias línguas, ela foi uma peça chave desse momento. O grupo de Eleanor e Aveling forma a Liga Socialista, desvinculando-se da SDF. (SILVEIRA, 2002, p. 89).

De acordo com Cox (2021), a SDF (*Social Democratic Federation*) foi impulsionada para a esquerda em função da radicalização da década de 1880, no entanto, não conseguiu superar as suas fraquezas, fazendo com que Eleanor, Aveling e outros se separassem do grupo e formassem a Liga Socialista. Com isso, “Ela se dedicou de corpo e alma em todas as campanhas que pudessem ajudar, desenvolvendo a confiança e a organização dos trabalhadores” (COX, 2021, p. 11).

Depois que Engels faleceu, a preocupação de Eleanor era levar adiante a edição dos manuscritos do volume IV d’**O capital**, o que a fez continuar trabalhando muito escrevendo artigos semanais, dando aulas, conferências e palestras: “em oito meses, em 1897, fez quarenta e uma palestras e participou da mesa de dez reuniões, sem contar uma semana de palestras na Holanda” (SILVEIRA, 2002, p. 121). Ela também participou e organizou o Comício pela Paz

no Hyde Park, em 1896 e o Congresso Internacional dos Trabalhadores de Londres, do qual participaram nomes como Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo. Segundo explica Cox (2021), a paixão mais marcante na vida de Eleanor foi seu compromisso com o movimento da classe trabalhadora, visto que durante as décadas de 1860 e 1870, o capitalismo britânico expandiu-se maciçamente, e a classe trabalhadora se encontrava silenciosa e submissa.

No entanto, após descobrir o casamento secreto de Edward com outra mulher, Eleanor comete suicídio ingerindo clorofórmio e ácido prússico, em 31 de março de 1898, aos 43 anos, deixando cartas à sua amiga e confidente, Olive – de onde Maria José Silveira tirou a maioria dos relatos epistolares escritos por ela –, ao seu sobrinho, Jean Longuet, encorajando-o a ser digno de seu avô e a Aveling: “Querido, logo tudo estará terminado. Minha última palavra a você é a mesma que lhe disse durante todos esses longos, tristes anos – amor” (SILVEIRA, 2002, p. 152). Esse final trágico mostra que o suicídio cometido por mulheres, como já representado em boa parte da literatura ocidental, e até mesmo em uma das obras traduzidas por Eleanor, **Madame Bovary**, acabava sendo a única forma de escape de uma realidade que lhes machucava e da qual não parecia haver saída.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como trazido no epílogo do romance, saber que Aveling se casara secretamente, após Eleanor ter vivido com ele tantos anos em uma união não legalizada, confrontando os preconceitos da sociedade vitoriana e as suas grandes dificuldades financeiras, provavelmente foi a “gota d’água” para ela em um momento tão vulnerável, e, assim:

Mais do que a gota, o fundamental é entender os vários componentes de sua fragilidade. As decepções com as cisões e rupturas do movimento, o sentimento de impotência, o afrouxamento – ainda que temporário – de sua ligação com as pessoas de carne e osso a quem ela dedicara sua vida e, sobretudo, o esgotamento físico e emocional daqueles meses, a solidão em que, sem perceber, mergulhou, embora fosse tão querida. (SILVEIRA, 2002, p. 156).

À vista do que foi exposto, consideramos que através desta pesquisa foi possível compreendermos que ao apresentar a figura histórica de Eleanor Marx ficcionalizada em seu romance, Maria José Silveira trouxe à tona os principais eventos de um momento crucial para a compreensão do mundo moderno, a saber: a organização dos movimentos dos trabalhadores e socialistas do século XIX, a luta e participação feminina nesses eventos, bem como o final trágico de uma mulher revolucionária, mas que mesmo assim não deixou de ser vítima de sua época e da tirania de seu marido.

Nesse prisma, através das investigações apresentadas, tornou-se evidente também a ocorrência de que literatura não tem um compromisso com a “verdade”, mas sim apenas com a verossimilhança presente na história narrada. De tal modo,

através dela, é possível apreendermos novos olhares sobre eventos e períodos históricos, que trazem novas interpretações do passado, além de problematizar as relações sociais através dos tempos.

Portanto, conforme elucidado por Aínsa (2003), história e ficção são relatos que tentam reconstruir e organizar a realidade a partir de componentes pré-textuais (documentos ou fontes históricas), por meio de um discurso dotado de sentido, inteligível, graças à sua “intriga” e à escrita que medeia a seleção desses materiais. Assim, o discurso narrativo resultante é dirigido a um receptor que espera que o pacto da verdade (a história) ou do possível plausível (a ficção) seja cumprido no quadro do *corpus* textual, algo que acontece no romance analisado.

Referências

AÍNSA, Fernando. **Reescribir el pasado: historia y ficción en América Latina**. Caracas: CELARG, 2003.

ALMEIDA, Lucélia de Sousa. **Tempo, memória e ditadura militar: vozes da geração pós-AI-5 em O fantasma de Luis Buñuel**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Memória e Cultura) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina.

COELHO, Lidiane Pereira. **Identidade e memória no imbricamento histórico-literário de Eleanor Marx, filha de Karl**. 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão.

COSTA LIMA, Luiz. Narrativa e ficção. In: COSTA LIMA, Luiz. **A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 68-116.

COX, Judy. Filha da Revolução. In: MARX, Eleanor. **Obra completa**. Tradução: Felipe Vale da Silva. Londrina/São Paulo: Aetia Editorial, 2021. p. 09-21.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCA NETO, Alípio Correia de. A era vitoriana. In: FRANCA NETO, Alípio Correia de; MILTON, John. **Literatura inglesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. p. 165-198.

HELOÍSA, Marcia. Vitoriosas. In: HELOÍSA, Marcia (Org.). **Vitorianas macabras**. São Paulo: DarkSide Books, 2020. p. 19-30.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MENDES, Oscar. **Estética literária inglesa**. São Paulo: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. São Paulo: Editora Alínea, 2004.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Eleanor Marx: questão feminina e luta de classes. **Boletim do GMARX-USP** – Grupo de Estudos de História e Economia Política, São Paulo, n. 11, abr., 2020. Disponível em: <<http://gmarx.fflch.usp.br/boletim11>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História & Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 11-27.

REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In: REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 63-89.

SILVEIRA, Maria José. **Eleanor Marx, filha de Karl**. São Paulo: Francis, 2002.

Para citar este artigo

COSTA, C. C. O.; LOPES, M. S. de O. Os entrecruzamentos de História e Literatura em Eleanor Marx, filha de Karl (2002). **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 303-317.

As autoras

CINDY CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA é mestranda em Literatura, Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI). Possui graduação em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É bolsista da CAPES e integrante do grupo de estudos em Literatura, Enunciação e Cultura (LECult). Tem interesse nas áreas de Gênero/Crítica Feminista, Literatura Brasileira Contemporânea, Metaficção historiográfica e estudos Pós-coloniais.

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES é doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2013). Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí (1991). Atualmente é professora do quadro Permanente do Programa de Pós-graduação - Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS e do Mestrado Acadêmico de Letras da Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Professora Adjunto Nível III da Universidade Estadual do Piauí. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e gênero, literatura e história, literatura e crítica literária, teoria literária. Desenvolveu Estágio Pós-Doutoral em Literatura, História e Estudos de Gênero na Universidade Federal do Piauí-UFPI, com Estância Investigativa como Professora Investigadora Visitante da Universidade de Buenos Aires-UBA (março, 2018 a março, 2019). É membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Literatura (INTERLIT) e filiada a ADHILAC.